

FOLCLORE DE BARCELOS ⁽¹⁾

POR

FERNANDA DE MATOS CUNHA

Medicina

As receitas empregadas nas enfermidades vulgares são em número restrito e, por vezes, associam-se à execução de bruxedos.

Para as bichas — Para exterminar as lombrigas, que as feiticeiras sabem *talhar*, usam esfregar as costas com vinagre, o que faz aparecer no dorso umas *pontinhas brancas* consideradas *as cabeças das bichas* que se cortam à navalha de barba, numa decapitação total.

Para tirar o sol — Para aliviar os que se queixam de insolação ou febre aplicam sobre a cabeça do doente um copo com água, invertido e vedado por um pano dobrado. Quando na água se elevam bôlhas de ar, dizem que *ferve* e o doente fica bom.

Para a febre — Preparam ao lume uma papa de farelo de trigo, farinha de milho, fermento, vinagre e alhos pisados e aplicam-na em cataplasmas nas solas dos pés. A receita pode ser reduzida a farelo, fermento e vinagre, mas não é de tanta eficácia.

(1) Extracto do trabalho *Notas etnográficas sobre Barcelos*, publicação do Instituto de Antropologia do Porto, 1932.

Para o trasorelho, abscessos e espinhas—A receita empregada consiste em cataplasmas de maçã podre. Descascam as maçãs apodrecidas, tirando-lhes tudo o que ainda não está contaminado e aproveitando unicamente a parte em decomposição, que cozem no próprio suco, evitando deitar-lhe água. A papa resultante é o remédio desejado.

Para talhar a erisipela e erisipelão—Uma bruxa untava, por três vezes, com um raminho de oliveira, molhado em azeite, a região atacada, proferindo umas palavras estranhas que só ela conhecia e rezando um Padre Nosso e uma Ave Maria para concluir o tratamento (1).

Para a fraqueza—Aconselham ortigas debaixo do colchão e gemas de ovos na planta dos pés, cujo efeito salutar sem dificuldade se prevê.

Para as dores de dentes—A receita é análoga à anterior. Claras de ovos aplicadas nas extremidades dos membros inferiores aliviam os padecimentos maxilares e eliminam prontamente a dilatação das faces. Também se recomendam os escalda-pés.

Para o flato—Quando uma pessoa que perde os sentidos usa meias, tiram-lhas, esfregam-lhas nas pernas e dão-lhas a cheirar. Se a aspiração não basta para reanimar o doente, esfregam-lhas no nariz e na cara e o flato passa logo. Quando, porém, se trate de alguém que ande descalço, pedem as meias dum homem (é forçoso que as meias sejam de indivíduo masculino) e com estas procedem de igual forma.

(1) Nas *Notas de medicina popular transmontana* (Publ. do Inst. de Antropologia, Pôrto, 1929), o Dr. J. R. dos Santos Júnior menciona uma receita análoga de Moncorvo, Maçôres, e até de Barcelos.

Para acidentes e desmaios mais ligeiros—Recomendam esfregar as pernas do paciente e dar-lhe chá de cidreira.

Para a gripe—Usam vinagre na testa.

Para a inflamação dos olhos—Secam florzinhas da Alexandria (rosas), demolham-nas em água até que esta lhes tome bem o cheiro e o gôsto e lavam os olhos com a infusão (1).

Para doenças de ouvidos—Usam leite de mulher (2).

Para as dores de cabeça—Molham a testa com vinagre (3) ou com aguardente.

Para o reumatismo—Mistura-se um quarteirão de água-raz, outro de vinagre e uma gema de ovo. Depois de bem agitada esta mistura até adquirir uma uniforme aparência leitosa, aplica-se nos pontos atacados.

Para o mesmo efeito da receita anterior—São aconselháveis pensos de petróleo aquecido. Em alguns doentes causam irritação de pele, mas há quem julgue que esta é um efeito do *malzinho à sair pela pele*.

Para o crescimento do cabelo—Como a moda local ainda não condenou os cabelos ao corte decorativo, mas o seu comprimento,

(1) Esta receita é citada por António e Armando Ferreira Soares nas *Tradições médicas populares da região da Feira* (Soc. de Antropologia, Pôrto, 1927).

(2) O Dr. J. R. Santos Júnior, nas *Notas de medicina popular transmontana*, fala desta receita existente em Moncorvo. Parece encontrar-se muito espalhada por Portugal.

(3) Receita citada por Alexandre Lima Carneiro e Fernando de Castro Pires de Lima, na *Medicina Popular Minhota* («Revista Lusitana», vol. XXIX).

ao contrário, corresponde à beleza apreciada, costumam espontaneamente, antes do nascer do Sol, em dia de S. João ou de S. Pedro, e deitar êsses fragmentos capilares numa silveira de amoras. Assim como esta cresce na selvagem ornamentação dos caminhos, também os cabelos que ficaram na cabeça da respectiva possuidora, talvez por espírito de imitação, resolvem crescer fartamente e constituir uma longa cabeleira ⁽¹⁾, cuja rebeldia o pente raramente amacia.

Contra a má olhadura que tolhe as pessoas — Sôbre um caco, queimam-se com brasas, um pouco de alecrim, um bocado de arruda, excremento de boi que tenha servido para tapar o forno, um bocado de giesta da vassoira de varrer a casa, um pouco de rama sêca dos alhos, um bocadinho de *varredoiro* do forno (vassoirinha formada por uns farrapos *engalhados* num pau, utilizada na limpeza do forno), algumas fôlhas de salva ⁽²⁾ e um pouco de sal, que é o principal dos nove elementos desta mistura, pois para o mal do doente são benéficos os seus estalos em contacto com o fogo.

A pessoa que foi vítima do mau olhado deve ser defumada três dias seguidos, sendo a primeira vez a horas mortas da noite, de preferência à meia noite, o que pode ser substituído pelo meio dia; nos dois dias seguintes é indiferente a hora da cerimónia. Colocado no chão o defumadoiro, o paciente passa por cima dele, formando cruzes consecutivas e dizendo:

(1) José Diogo Ribeiro, no *Turquel Folklórico* (Alcobaça) («Revista Lusitana», vol. XX, pág. 73), conta que «o cabelo crescerá vigoroso e abundante a tôda a moça que, penteando-se na noite de S. João, enleie no ôlho terminal duma cana em crescimento o nagalho que o pente tirasse».

(2) Augusto C. Pires de Lima, nas *Tradições populares de Santo Tirso* («Revista Lusitana», vol. XX, pág. 8), reconhece que nesta localidade atribuem virtude à cidreira e à salva, servindo-se delas para defumadoiros.

Nossa Senhora pelo Egito passou,
O seu Santíssimo Filho defumou
Para cheirar
E eu me defumo a mim
Para sarar.

Assim como estou virada para o Norte,
Assim êste mal vá que não volte (*num bôrete*)
Assim como estou virada para o nascente,
Assim êste mal vá de repente.
As pessoas da Santíssima Trindade são três.
Se elas *quiser* bem *pode*.
Padre, Filho e Espírito Santo,
Êste mal vá e não *torne*.
Assim como estou virada para o mar,
Êste mal vá para não voltar.

Segue-se o Credo em cruz.

Quando se trata duma criança ou doente que não pode executar por si a cerimónia, alguém lhe pega ao colo e assim realiza a cerimónia, substituindo a frase

«E eu me defumo a mim para sarar...»

por

«E eu te defumo a ti para sarar...»

Quando a receita foi integralmente efectuada, deve deitar-se o defumadoiro ao rio, porque ninguém, sem prejuízo pessoal, lhe passa por cima, pois tal facto teria conseqüências de-veras desastrosas para o descuidado que o praticasse. A pessoa que calcar um defumadoiro adquire o mal que êle curou e que não cessará senão sob a acção dum novo defumadoiro ⁽¹⁾.

(1) M. Saintyves nos *Procédés de guérison communs aux guérisseurs européens et aux sorciers chez les primitifs* («Revue Anthropologique», Juillet — Septembre, 1928) diz:

«Pour le primitif, le malade est possédé par un mauvais esprit ou dominé par une influence maligne. Dans le peuple des pays civilisés, on trouve encore

Esta receita foi aplicada numa criança, a quem faltava o apetite e que se mirrava sem causa conhecida—sintomas infalíveis de mau olhado. As melhoras foram completas e imediatas, *como quem deita petróleo no candieiro*, comparação de que se serviu a própria mãe.

Tôdas estas receitas têm sido experimentadas com um êxito admirável que justifica plenamente a confiança que inspiram. Garantem-nas e aconselham-nas.

Arte popular

Os instrumentos musicais usados são a viola, o cavaquinho, o pandeiro e o harmónio, onde tocam músicas alegres, mas pouco variadas.

As danças bantante vivas e saltadas executam-se ao ar livre, em pequeno espaço, numa nuvem de poeira. O malhão, o vira, a chula e o regadinho representam o grande prazer coreográfico da mocidade aldeã.

Cantam freqüentemente, sempre na mesma toada monótona, improvisando com facilidade. A despeito de modernismos civilizados importados da cidade, que não é raro ouvir à beira dum rio ou na volta duma estrada, o *folk-lore* regional é rico e nele consegui colher alguns exemplares, sem selecção. Nem todos são exclusivamente barcelenses, mas atestam, pela adopção, preferências regionais e também mostram a difusão de certas quadras através do País:

une conception analogue de la maladie. Certains paysans de nos compagnes ne different pas sensiblement à cet égard des primitifs. En Bretagne, ils croient que la maladie est envoyée par Dieu, en punition d'un acte mauvais, ou produite par un «sort». Dans ce dernier cas, la maladie est une façon d'entité mauvaise ayant une quasi personnalité et l'on peut la conjurer ou l'adjurer comme on le ferait d'un esprit ou d'un diable».

- | | |
|---|---|
| 1. Quero cantar e que ouçais,
Já que falar-vos na posso.
Quero que reconheçais
Que o meu coração é vosso. | 8. Na negrura dos teus olhos,
Em tamanha escuridão,
Não há trevas, tanto luto,
Como no meu coração. |
| 2. Se o cantar desse dinheiro
Fazia por cantar bem.
O cantar não dá dinheiro,
Tudo como quere vai bem. | 9. Os teus olhos não são olhos,
São dois botões de veludo,
O que eu desejo é <i>lográ-los</i> :
Os olhos, botões e tudo. |
| 3. Quem quizer que eu cante bem
Dê-me vinho e dinheiro,
Esta minha gargantinha
Não é forja de ferro. | 10. Olhos pretos, roubadores,
Porque vos não confessais
Dos delitos que fazeis,
Dos corações que roubais? |
| 4. Preguntaste quem eu era,
Pela minha geração.
Sou de longe deste sítio,
Do lugar de S. João. | 11. Aquela menina é minha,
Aqueles olhos são meus,
Aquele corpo bem feito
Era o que eu pedia a Deus (2). |
| 5. Debaixo desta ramada,
Quem me cobre são videiras.
Tu hás-de ser meu Amor,
Quer tu queiras ou não queiras. | 12. Fui ao mar a buscar lume,
Namorei-me da faísca,
Namorei-me dos teus olhos
Logo à primeira vista. |
| 6. Debaixo desta ramada,
Quem me cobre são as fôlhas,
Os olhos que tu me <i>botas</i>
Desvia-os e não me tolhas. | 13. <i>Assubi</i> ao limoeiro,
No meio chorei uma hora.
Namorei-me dos teus olhos,
Que há-de ser de mim agora? |
| 7. Troquei os meus olhos pretos
Por outros acastanhados.
Agora todos me chamam
Amor dos olhos trocados (1). | 14. <i>Assubi</i> ao limoeiro,
Cheguei ao meio, caí.
O limoeiro é morte.
Ai de mim que já morri! (3) |

(1) Augusto C. Pires de Lima em *Tradições populares de Santo Tirso* cita uma quadra semelhante («Revista Lusitana», vol. XXI, pág. 64).

(2) Citada por Augusto Pires de Lima em *Tradições populares de Santo Tirso*.

(3) Uma quadra análoga a esta vem citada nas *Afinidades galaico-portuguesas de folclore*, do Dr. J. R. dos Santos Júnior («Trabalhos da Soc. Port. de Antropologia e Etnologia», Porto, 1929), em confronto com a quadra galega:

A subir o alcipreste
cheguei o médio e caín,
o alcipreste é a morte
i-eu para morrer nacín.

15. Oliveira do Brasil
Bota galinhos de prata.
Tomar amores não custa.
Deixá-los é o que mata.
16. Oliveira do Brasil
Bota raízes *pró* lodo.
Eu não falo de ninguém,
De mim fala o mundo todo.
17. Foste dizer mal de mim
A quem mo logo contou.
Eu sempre gosto e gostei
De quem me desenganou.
18. Toda a terra é algarvia,
Desde a alta à beira-mar.
Foste dizer mal de mim,
Quem desdenha quer comprar.
19. A maçã da macieira
Não se deve abocanhar.
É como a moça solteira,
Qu'inda espera de casar.
20. A maçã do *acipreste*
É doce e a casca amarga.
É como o amor dos homens:
Hoje pega, amanhã larga.
21. Oh! *Acipreste* do adro,
Não *assombres* a igreja,
Que bem *assombrado* anda
Quem não *logra* o que deseja (1).
22. Oh! *Acipreste* do adro,
Galheira de passarinhos,
A quem tu deste os abraços,
Dá-lhe também os beijinhos.
23. Esses teus beijos, menina,
São remédio, tem virtude.
Quando beijais um doente,
Logo lhe dais a saúde.
24. Pedi-te um beijo, còraste;
Ao segundo, já sorriste,
Ao terceiro, já mo deste,
Ao quarto, já mo pediste.
25. Dá-me um beijo, dou-te dois.
A minha paga é dobrada.
É o brio dos amores:
Pagar e não dever nada.
26. Se já estás arrependido
Dalgum bem que me fizeste,
Dá-me os beijos que eu te dei,
Que eu dou-te os que tu me deste.
27. A silva que me a mim prende
À tua janela nasce.
Nunca me a silva prendeu,
Que eu dela me não livrasse.
28. As silvas prendem co'os braços.
Quem lhe vai colher a amora.
Quando as silvas dão abraços,
Que fará quem se namora?
29. Namorados, falai baixo,
As paredes têm ouvidos.
Os segrêdos encobertos
São os que são mais sabidos (2).
30. Se eu fôsse *namorativa*
Já eu tinha um namorado.
Nem eu sou *namorativa*,
Nem tu és do meu agrado.

(1) Semelhante em *Tradições populares de Santo Tirso*, de Augusto C. Pires de Lima.

(2) Em *Tradições populares*, por A. C. Pires de Lima.

31. Se eu soubesse namorar,
Como sei tocar viola,
Já eu tinha namorado
A filha do rei mais nova.
32. Se eu soubesse namorar,
Como sei cantar cantigas,
Fazia chorar as pedras...
Quanto mais as raparigas!
33. Namorei-me do bonito,
Cuidando que era fazenda.
Agora quero comer,
Boniteza não *m'alembra*.
34. Namorei-me, namorei-me,
E não soube namorar.
Namorei-me dum vadio
Que me não soube estimar.
35. O cravo roxo nasceu
No valado duma poça.
Não há moço que mereça
O coração duma moça.
36. Não se mede a confiança
Pela fôlha do alecrim.
Já trouxeste na lembrança
A muitas antes de mim.
37. O limão é rico cheiro,
Enquanto não apodrece.
É como um Amor que é novo,
Enquanto não aborrece.
38. Tomaste novos amores,
Tomaste, que eu bem *no* sei.
Tomaste novos amores...
Da minha parte estimei.
39. Oh! Meu Amor, tu trocaste
Pano fino por baeta,
Pois tu trocaste uma rosa
P'ra casar c'uma careta.
40. Eu casei-me, cativei-me,
Troquei a prata por cobre,
Troquei minha liberdade
Por dinheiro que não corre.
41. Raparigas do meu tempo,
Chorai agora por mim,
Que eu vou dar a minha mão
Para séculos sem fim.
42. *Indas* que meu pai me mate,
Minha mãe me tire a vida,
Minha palavra está dada,
Minha mão está prometida.
43. Anda p'ra aqui um *pangaio*
De loureiro em loureiro.
Hoje casa, amanhã casa,
Pangaio sempre solteiro.
44. Loureiro loureador,
Quem te manda lourear,
Quem te manda ter paixão
Por quem nunca hás-de lograr?
45. Segurai-me, segurai-me,
Que eu quero morrer segura.
Eu queria segurar
O Amor que me procura.
46. Hei-de cantar e dançar,
Enquanto solteira fôr.
Ao *despois* de casadinha,
Quem manda é o meu Amor.
47. Amores de ao pé da porta
Não os tenho, nem espero.
Ando nesta liberdade:
Vou e venho, quando quero.
48. Amores de ao pé da porta
Amai-os a todo o risco.
Indas que a boca não fale,
Os olhos são um petisco (1).

(1) Semelhante em *Tradições populares*, por A. C. Pires de Lima.

49. Os olhos do meu Amor
São duas amendoinhas.
Fechados são dois botões,
Abertos duas rosinhas (1).
50. Os olhos do meu Amor
São duas continhas pretas,
Colhidinhos ao luar,
No jardim das violetas.
51. O meu Amor não é 'quele,
Que eu no andar o conheço.
Tem um andar miudinho
Como a fôlha do codesso (3).
52. O meu Amor não é 'quele,
Que o meu Amor traz chapéu.
É um rapaz boniinho
Como as estrélas do céu.
53. As estrélas no céu correm
Tôdas numa carreirinha,
Assim a ventura corre
Da tua mão para a minha.
54. Eu pus-me a contar estrélas
Com a ponta duma espada.
Comecei à meia noite,
Acabei de madrugada.
55. Oh! estrelinha do norte,
Agulha de marear.
És a estréla que me guia
Para ao meu Amor falar.
56. Oh! estrelinha do norte,
Espera por mim, que eu vou.
Espera mais um bocado,
Já que o luar me enganou.
57. Oh! Luar da meia noite,
Bem te podes ir embora.
O meu pai não vai p'ra cama,
Eu não posso ir lá fora.
58. Oh! Luar da meia noite,
Tu és o meu inimigo.
À porta do meu Amor,
Eu não posso entrar contigo (2).
59. Oh! que lindo luar vai
Para colher a *marcela!*
Se tu quiseres, Amor,
Faremos a cama nela.
60. Oh! Minha mãe, venha ver
A cama do meu Amor.
É dentro da meia rasa,
Coberta co'o rasador.
61. — Oh! Rosa da Alexandria,
Por onde perdeste o cheiro?
— Perdi-o na tua cama,
Debaixo do travesseiro.
62. — Maria, quero que digas
Onde repousa o teu corpo.
— Repousa na tua cama
Ou na sepultura morto.
63. Chamaste por mim, de noite;
Não falei porque dormia.
Se me quer's alguma coisa,
Fala-me agora que é dia.
64. Ai! Coração que a Deus ama!
Contigo não tenho fé.
Quero um coração inteiro,
Pois o meu inteiro é.
65. Sonhei com salsa no rio
Alecrim nos pinheirais,
A ver se êste Amor m'esquece
Cada vez *m'atembra* mais.
66. Oh! Salsa da beira-rio!
Da beira do rio, salsa!
Mais vale uma feia e firme
Do que uma bonita e falsa.
67. Meu Amor procura agrados,
Não procures formosura.
Formosura sem agrados
É viver na noite escura (1).
68. Dizeis que no mar há rosas,
Mas eu não vejo botões.
Eu só vejo caras lindas,
Mas não vejo corações (2).
69. Tenho dentro do meu peito
Dois suspiros por abrir.
Ninguem sabe o meu sentido,
Nem o que eu hei-de seguir.
70. No mar alto anda a guerra,
Eu bem ouço dar os tiros.
Eu bem ouço combater
Os teus ais co'os meus suspiros.
71. Apartar por apartar,
Antes uvas da videira.
A mim também me apartaram
Meu Amor da minha beira.
72. Quem me dera agora ver
Quem agora *m'alembrou*,
O meu querido Amor,
Que tão longe dele estou (3).
73. Os cuidados não enjeitam
Quem sofre por bem querer.
Quem se sujeita ao Amor,
Sujeita-se a padecer.
74. O meu Amor me enjeitou,
Eu me dou por enjeitada.
Agora todos me chamam
Viuva sem ser casada.
75. Coração por coração,
Amor, não troques o meu;
Que sempre o meu coração
Muito leal foi ao teu.
76. Não quero que me dê nada,
Qu'eu também nada te dou.
Não quero que o mundo diga
Que êste meu dar te enganou.
77. Meu Amor, não morras hoje,
Deixa p'ra segunda-feira.
Não quero que o mundo diga
Que morreste à minha beira.
78. Oh! Meu Amor, se tu fores,
Leva-me podendo ser.
Eu quero ir acabar,
Aonde tu for's morrer.
79. Meu Amor, por tua vida
Ou por tua caridade,
Ai! tira-me desta lida,
Leva-me para a cidade.
80. Meu Amor, se vir's cair
Flores na tua varanda,
Apanha, que são saúdaes,
É teu Amor quem tas manda.

(1) Quadra semelhante à citada por João da Silva Correia — *Migalhas etnográficas; Cancioneiro de Espáriz, distrito de Coimbra* («Revista Lusitana», vol. XX).

(2) Semelhante em *Tradições populares*, por A. C. Pires de Lima.

(3) Idem, idem.

(1) Quadra semelhante em João da Silva Correia — *Cancioneiro de Espáriz*.

(2) Parecida em *Alguns aspectos da vida portuguesa no cancioneiro de S. Simão de Novais*, por F. de C. Pires de Lima («Soc. de Antropologia», Pôrto, 1930).

(3) Com algumas alterações esta quadra aparece no *Cancioneiro de Espáriz*, de João da Silva Correia e nas *Tradições populares de Santo Tirso*, de A. C. Pires de Lima.

81. Eu pus-me a chorar saúdaes
Ao pé da água que corre.
A água me respondeu:
Quem tem amores não morre.
82. Nasce avenca pelas fontes,
Pelos campos nascem flores...
Quando alegre o sol os montes,
Que fará quem tem amores?...
83. Se fores, domingo, à missa,
Põe-te em sítio em que eu te veja.
Não faças andar meus olhos
Em leilão pela igreja (1).
84. Igrejinha de Arcozelo,
Feita de pedra morena,
Dentro dela é que ouve missa
Quem me causa tanta pena.
85. Com pena peguei na pena,
Com pena escrevi um S,
Com pena mandei dizer
Ao meu Amor que viesse.
86. Com a pena do pavão
E sangue da cotovia
Hei-de escrever uma carta
Ao meu Amor, algum dia (4).
87. Chove dentro do meu peito,
Não acho recolhedor.
Chove dentro como fora
Lágrimas do meu Amor.
88. As lágrimas m'obrigaram
Ao que eu não me obriguei:
A dar água todo o ano
Para o chafariz do rei.
89. O meu Amor é barbeiro
E faz a barba ao juiz
C'uma toalha de renda,
Lavada no chafariz.
90. A amora, nestes valados,
De vermelha se faz preta.
Quem tem um Amor soldado
Anda ao toque de corneta.
91. O meu Bem não é soldado,
Mas também faz sentinela.
Leva o dia de descanso
De guarda à minha janela.
92. Não quero Amor soldado,
Que soldado não é gente.
Quero um dos comandantes,
Um capitão ou tenente (2).
93. Não quero Amor soldado,
Não é por o desprezar.
O servir o rei é honra.
Meu Amor, deixa-te andar (3).
94. Se houver de tomar amores,
Na marinha há-de ser.
A marinha é muito grande,
Tem muito onde escolher.
95. Não quero Amor ferreiro,
É caro para o lavar.
Antes quero marinheiro,
Que é bem lavado no mar (5).
96. O meu Amor é um anjo.
Deus mo deu, não o mereço.
Já mo quiseram comprar.
Anjos do céu não têm preço.

(1) Em *Tradições populares*, por Augusto C. Pires de Lima.

(2) Com pequenas alterações esta quadra vem citada em *Alguns aspectos da vida portuguesa no cancioneiro de S. Simão de Novais*, por Fernando de Castro Pires de Lima.

(3) Em *Cancioneiro de S. Simão de Novais*, por Fernando C. Pires de Lima.

(4) Em *Tradições populares*, por A. C. Pires de Lima.

(5) Em *Cancioneiro de S. Simão*, por Fernando C. Pires de Lima.

97. O meu Amor era torto,
Eu mandei-o cávacar.
Agora já tenho lenha
Para fazer o jantar.
98. Minha mãe, p'ra me casar,
Prometeu-me três ovelhas:
Uma manca, outra cega,
Outra mona, sem orelhas (1).
99. Eu vou por aqui abaixo,
Como quem não vai a nada,
Abanar uma pereira,
Qu'indas não foi abanada.
100. Hei-de ir ao Senhor do Monte,
Ao Senhor do Monte hei-de ir.
Quem vai ao Senhor do Monte,
Vai ao céu e torna a vir.
101. Quem quiser que a água corra,
Faça-lhe o rêgo bem feito.
Quem quiser ser respeitado,
Dê-se também ao respeito.
102. A cana verde, no mar,
Arreventa ao nascer.
Assim rebentam os olhos
A quem me não pode ver (2).
103. Tristezas são violetas,
Alegrias bem-me-queres.
Os homens são uns poetas,
Bonitas são as mulheres.
104. Botei um cravo no poço,
Fechado, saiu aberto.
É um regalo na vida
Enganar a quem é esperto.
105. Oh! Barcelos! Oh! Barcelos!
Oh! Barcelos! Oh! Vadio!
Botei-te da ponte abaixo,
Foste beber água ao rio.
106. Oh! Barcelos! Oh! Barcelos!
Oh! Barcelos! Oh! Traidor!
Botei-te da ponte abaixo,
Foste ver o meu Amor.
107. O anel que tu me deste
Não o dei, nem o vendi.
Botei-o da ponte abaixo,
Também te botava a ti (3).
108. O anel que tu me deste
Era de vidro, quebrou.
O amor que tu me tinhas
O anel bem o mostrou (4).

(1) Quadra citada em *Cancioneiro de Espáriz*, por João da Silva Correia e em *Tradições populares*, por A. C. Pires de Lima.

(2) Em *Cancioneiro de S. Simão de Novais*, por Fernando C. Pires de Lima.

(3) João da Silva Correia, nas *Migalhas etnográficas—Cancioneiro de Espáriz*, cita uma quadra parecida com esta.

(4) Nas *Afinidades Galaico-Portuguesas de Folclore*, o Dr. J. R. Santos Júnior menciona esta quadra comparando-a com a quadra galega:

O anelo que me deche
foi no dia do Señor
Heme grandião do dedo
e pequeniño en amor.

109. O Sol, quando nasce, inclina
Nas pedras do meu anel.
Eu também sou inclinada
Ao nome de Manuel (1).
110. Ai! Manuel, Manuel,
Manuel enganador!
Enganaste uma menina
Com palavrinhas de Amor.
111. Semeei e já colhi
O que havia de colher.
O nome de Manuel
Não é nome de perder.
112. Por António dou a vida,
Por José beijos do mar,
Por Manuel a mim mesma.
Não tenho mais que lhe dar.
113. Trazeis o cabelo atado,
Oiro por cima da trança.
Quem do oiro faz rodilha,
Ao Amor trará vingança.
114. Trazeis o cabelo atado,
Pelas costas ao comprido.
Nas ondas do teu cabelo,
Anda o Amor escondido.
115. Tu chamaste ao meu cabelo
Um ninho de passarinhos;
Eu também chamei ao teu
Gaveta dos meus beijinhos.
116. Tu chamaste ao meu cabelo
Dobadoira de dobar;
Eu também chamei ao teu
Sarilho de ensarilhar.
117. Chamaste-me moreninha.
Eu bem sei que sou morena.
Isto foi do pó da eira,
Quando eu era pequena.
118. Chamaste-me moreninha,
Moreninha e engraçada.
Mais vale ser moreninha
Do que branca desmaiada.
119. Oh! Meu Amor, se tu fores
Para o tribunal das rosas,
Apega-te às moreninhas,
Que as brancas são enganosas (2).
120. Olá, Diolinda, olá,
Olá, Diolinda, olé!
Os olhos da Diolinda
São da côr do meu boné.
121. Dei um nó na fita verde,
Outro na mais vermelhinha.
Ainda espero dar outro
Na tua mão e na minha.
122. Dei um nó na fita verde,
Outro na preta, a rigor.
Ainda espero dar outro
Nos braços do meu Amor.
123. Oh! ai! Oh! ai!
Camarões da beira-mar!
Se eu agora não namoro,
Quando hei-de namorar?
124. Adeus, que me vou embora,
Já não posso cantar mais,
Já me dói o céu da bôca
E mais os dentes queixais.

(1) Em *Tradições populares de Santo Tirso*, por A. C. Pires de Lima.

(2) Quadra semelhante em *Cancioneiro de Espáriz*, por João da Silva Correia.

125. Adeus, que me vou embora,
Para onde não te digo.
Se tu quiseres saber,
Prepara-te e anda comigo.
126. Adeus, que me vou embora,
Adeus, que me embora vou.
Eu, se vou, é porque quero,
Que a mim ninguém me mandou.
127. Boa noite, pomba branca,
Boa noite te vou dar.
Quási vai dar meia noite,
São horas de me deitar.

Destas quadras aqui reunidas, podem extrair-se algumas para um esbôço de estudo psicológico popular.

Duma maneira geral, predomina o lirismo, a ingénua canção de Amor tão simples como a dos velhos cancioneiros lusos:

Coração por coração,
Amor, não troques o meu.
Que sempre o meu coração
Muito leal foi ao teu.

A Saüdade que, no século XV, atingiu a sua melhor expressão em João Roiz de Castelo Branco (1), a Saüdade que imortalizou Bernardim, também encontra anónimos cantores:

Meu Amor, se vir's cair
Flores na tua varanda,
Apanha que são saüdades.
É teu Amor quem tas manda.

(1) D. Joam Roiz de Castel Branco, melhor do que Bernardim Ribeiro, soube dar ritmo à Saüdade medieval, tornando-se um verdadeiro precursor do Saüdosismo moderno. No *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende, vol. III, pág. 134, existem estes versos dele:

Senhora, partem tão tristes
meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.
Tão tristes, tão saüdosos,
tão doentes da partida,
tão cansados, tão chorosos,
de morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida,
partem tão tristes os tristes,
tão fora de esperar bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns de ninguém.

A tristeza sentimental, desiludida e resignada dum povo que anima o ritmo dolente do fado desperta écos nas trovas populares do norte:

Os cuidados não enjeitam
Quem sofre por bem querer.
Quem se sujeita ao Amor,
Sujeita-se a padecer.

Expressões dum temperamento independente atravessam a simplicidade dos versos:

Não quero que me dê nada,
Que eu também nada te dou.
Não quero que o mundo diga
Que este meu dar te enganou.

O sentimento de dignidade pessoal também transparece na forma concisa das redondilhas:

Quem quiser que a água corra,
Faça-lhe o rêgo bem feito.
Quem quiser ser respeitado,
Dê-se também ao respeito.

Um despeito desdenhoso, que desilusões sentimentais provocam, aflora por vezes:

Tomaste novos amores,
Tomaste, *qu'eu* bem *no* sei.
Tomaste novos amores...
Da minha parte estimei.

Conceitos que a sensatez determina falam através da toada das rimas:

Meu Amor, procura agrados,
Não procures formosura.
Formosura sem agrados
É viver na noite escura.

A ironia ligeira e despreocupada interrompe a monotonia duma sensibilidade sem complicações:

Amores de ao pé da porta
Amai-os a todo o risco.
Indas que a boca não fale,
Os olhos são um petisco!

A alegria moça e sadia dos improvisados poetas manifesta-se espontaneamente no estilo jocoso ou na sátira irreverente:

O meu Amor era torto,
Eu mandei-o cavacar.
Agora já tenho lenha
Para fazer o jantar.

Outras vezes aparece o devaneio romântico nascido da própria natureza:

Oh! que lindo luar vai
Para colher a *marcela*!
Se tu quiseres, Amor,
Faremos a cama nela.

E até os mesmos temas que inspiram os grandes poetas nacionais vivem no singelo lirismo regional:

Se já 'stás arrependido
Dalgum bem que me fizeste,	Nada mais tenho teu; é linda a troca,
Dá-me os beijos que eu te dei,	Se o desejo não tens (ah! se o tivesses!...)
Que eu dou-te os que tu me deste.	De destruir os beijos que trocamos.

Eugénio de Castro.

Nas quadras barcelenses ⁽¹⁾ que coleccionei, nota-se frequentemente o paralelismo como manifestação da técnica rítmica mi-

(1) É difícil distinguir entre estas quadras as que foram improvisadas mesmo em Barcelos das que resultam da migração de cantigas que constantemente se realiza em Portugal. O que é facto é que todas estas se cantam em Barcelos.

nhota, podendo esta insistência paralelística confirmar a origem popular dos Cantares de Amigo medievais, já defendida por Leite de Vasconcelos, José Joaquim Nunes, D. Carolina de Michaelis, Teófilo Braga, etc., e representada ainda nas actuais e espontâneas composições do folk-lore português.

É tão natural a improvisação dos jovens camponeses que, quando perguntei a uma rapariga que era das melhores cantadeiras de Arcozelo como faziam versos, ela respondeu muito sinceramente:

— «É a cantar».

Para êles verso significa rima e canto, e constroem de ouvido o ritmo fácil das redondilhas, ignorando profundamente, como é lógico, qualquer noção de metrificacão.

Nomes

Se é certo que os nomes próprios individuais não se caracterizam por qualquer particularidade, repetindo apenas os mais correntes das nossas aldeias, pois os mais freqüentes são Manuel, António, José, Maria, Adelaide, Conceição, Emília, Rosa e Ana, o mesmo não sucede com as alcunhas que aparecem às vezes imprevistas e inexplicáveis.

As bruxas e feiticeiras aliam à fama gloriosa dos seus malefícios designações populares consagradas. Além da Barbuda e do Fitas já citados, também se tornou digno de especial consideracão o Enxota Diabos (1). A alcunha de Fitas, todavia, não mantém o exclusivo, pois, com o bruxo, dela compartilha um consciencioso professor de Instrucão Primária. A um apreciado *industrial* de

(1) Luís de Pina, *Bruxas e Medicina* («Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», 1929). Refere-se a Enxota Diabos como designacão comum.

cerâmica, especializado na pintura de *mascottes*, em cujo aperfeiçoamento êle se gaba de desafiar tôda a concorrência, chamam o Pelado. O Mouro é um taberneiro *habilitado*, como esclarece a inscriçã que lhe ornamenta a *fachada do estabelecimento*. A uma mulher que alterna os dias de trabalho com outros de mendicidade concederam a designacão de Carreira Covas. O tocador de órgão das imponentes solenidades religiosas fêz a sólida reputacão de que goza com o nome de Estrugidinho. O mais notável cantador e improvisador das esfolhadas é conhecido, numa extensa área, pela denominaçã inesperada de Ruktruk. Corneta serve de alcunha ao mais completo tendeiro de Arcozelo, figura típica, sorridente, rubicunda e adiposa da curiosa fauna regional.

Os cães, maltratados e desprotegidos guardas dos lavradores, usufruem as regalias de poucos nomes, mas, por isso mesmo, extremamente espalhados. Nero, Visconde, Tejo e Chanférs (Chaufeur) aparecem vulgarmente.

O sentimento

Afirma-se que pertence ao domínio da Fantasia a Ilha dos Amores que, nos *Lusiadas*, nasce em pleno oceano para deleite dos navegadores portugueses e atribui-se a sua criaçã ao talento poético de Camões. Se não se localiza nos mares, em mais modestas pesquisas, pode vir encontrar-se em Barcelos.

As freguesias de Arcozelo e S. Veríssimo, cujos extremos entestam, são delimitadas por um ribeiro que verte no Cávado o seu insignificante volume de águas. É no leito dêsse rio que se recorta a reduzida superfície verdejante — uns 300 m² aproximadamente — da famosa ilha. Coberta por espessa e arborizada flora, oferece a todos os idílios circunvizinhos o protector encanto da sua discreta vegetacão. Todo o bucolismo apaixonado da regiã ali procura refúgio. Nomes, frases, datas, quadras, pensamentos fragmentários — escrita comemorativa que, nas próprias árvores,

o tempo lentamente apaga — atestam desabafos sentimentais do subjectivismo local e entram no folk-lore regional. Consegui decifrar algumas dessas românticas inscrições:

Coquete dos prados,
A rosa é uma flor
Qu'inspira e não sente
Os encantos do Amor.

Tiago
Micas

Maria
Luís

Venancio
I. C. O. 24-3-29

O amor e o trabalho tudo *vence*.

Antonieta
acabou
ingrata

Gininha meu
Amor
2-9-28

Amo-a.
Quero-lhe tanto
como a luz dos
meus olhos.
Porém o meu sonho
é *irrealisavel*.

Nos troncos lisos de esbeltos eucaliptos, desconhecidos visitantes gravaram a canivete, por vezes profundamente, para esclarecimento dos vindoiros, em letras de vários tamanhos e formatos, com diverso grau de perfeição, o lírico nome da tranqüila insula: Ilha dos Amores.
